

Revista de Comunicação e Linguagens

Vol. (2021)

ISSN 2183-7198 (electrónico/online)

Homepage: <https://revistas.fcsh.unl.pt/index.php/rcl>

"Será que as estrelas falam?" Ouvindo a voz de Carolina Maria de Jesus

Rita Ciotta Neves

Como Citar | How to cite:

Neves, R. C. (2021). *"Será que as estrelas falam?" Ouvindo a voz de Carolina Maria de Jesus*. *Revista De Comunicação E Linguagens*, (54), 335-342. <https://doi.org/10.34619/zckz-tehd>

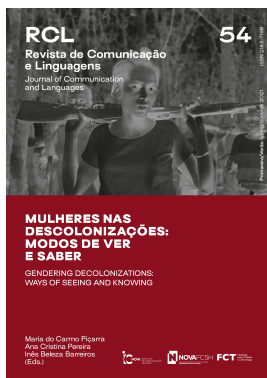
DOI: <https://doi.org/10.34619/zckz-tehd>

Editor | Publisher:

ICNOVA - Instituto de Comunicação da NOVA

Direitos de Autor | Copyright:

Esta revista oferece acesso aberto imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona maior democratização mundial do conhecimento.



Revista de Comunicação e Linguagens

Vol. (2021)

ISSN 2183-7198 (electrónico/online)

Homepage: <https://revistas.fcsh.unl.pt/index.php/rcl>

"Será que as estrelas falam?" Ouvindo a voz de Carolina Maria de Jesus

Rita Ciotta Neves

Como Citar | How to cite:

Neves, R. C. (2021). *"The stars, will they speak?" Listening to Carolina Maria de Jesus's voice*. Revista De Comunicação E Linguagens, (54), 335-342. Retrieved from <https://revistas.fcsh.unl.pt/rcl/article/view/1375>

Editor | Publisher:

ICNOVA - Instituto de Comunicação da NOVA

Direitos de Autor | Copyright:

Esta revista oferece acesso aberto imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona maior democratização mundial do conhecimento.

“Será que as estrelas falam?” Ouvindo a voz de Carolina Maria de Jesus

*“The stars, will they speak?” Listening
to Carolina Maria de Jesus’s voice*

RITA CIOTTA NEVES

Professora aposentada da Universidade Lusófona

rita.ciotta@gmail.com

Resumo

O texto, baseado na biografia de minha autoria *Carolina Maria de Jesus — Nas Margens da Literatura* (Lisboa 2020), pretende ser uma breve apresentação da escritora brasileira Carolina Maria de Jesus, que nasceu em Sacramento em 1914 e morreu em Parelheiros (São Paulo) em 1977. Carolina foi uma das primeiras vozes negras que se fez ouvir do interior das favelas, denunciando as injustiças e discriminações de classe, de raça e de género. O sucesso, fulmíneo e efémero, aconteceu em 1960, com a publicação do seu primeiro diário, *Quarto de Despejo*, mas a chegada da ditadura e o esquecimento dos *media* lançaram-na de novo no isolamento. É autora de muitas obras: diários, poemas, contos e um pequeno romance. Representante da Literatura Marginal e pioneira da posterior Literatura Periférica. Acusada de “escrever mal”, é um exemplo de como o cânone literário tradicional deve, atualmente, ser discutido e reconsiderado.

Palavras-chave

Carolina Maria de Jesus | Literatura Marginal Brasileira | Cânone Literário

Abstract

Based on the biography of Carolina Maria de Jesus I have authored, *Carolina Maria de Jesus. Nas Margens da Literatura* (Lisboa 2020), this article is an introduction to the Brazilian writer, who was born in Sacramento, in 1914, and died in Parelheiros (São Paulo), in 1977. Carolina was one of the first Black voices within the *favelas* to be heard, denouncing class, race and gender injustices and discriminations. The success, fulminant and ephemeral, occurred in 1960 with the publication of her first diary *Quarto de Despejo*, but Brazilian dictatorship and mass media oblivion left her, once again, in isolation. She wrote several books: diaries, poems, and novels. Representative of *Literatura Marginal* and pioneer of the subsequent *Literatura Periférica*, she was accused of “being a bad writer”, becoming, however, an example of how the literary canon should be, nowadays, discussed and reconsidered. Carolina Maria de Jesus | Brazilian Marginal Literature | Literary Canon

Keywords

A vida é igual um livro. Só depois de ter lido é que sabemos o que encerra. E nós, quando estamos no fim da vida é que sabemos como a nossa vida decorreu. A minha, até aqui, tem sido preta. Preta é a minha pele. Preto é o lugar onde moro.

Carolina Maria de Jesus (2019, 167)

A voz de Carolina Maria de Jesus continua a ecoar na nossa mente por muito tempo. Basta lermos algumas páginas do seu *Quarto de Despejo*, o primeiro diário publicado em 1960 na cidade de São Paulo, para ficarmos impressionados ao ponto de não poder interromper a leitura. Ouvir esta voz, conhecer a sua vida e as suas obras torna-se, assim, uma operação difícil, arriscada. É uma descida ao inferno, onde as palavras de ordem são a fome, a violência, o sofrimento.

Carolina, que nasceu em 1914 em Sacramento, uma pequena cidade do estado brasileiro de Minas Gerais, viveu toda a sua vida adulta em São Paulo, por muitos longos e dolorosos anos, na favela de Canindé. E é de dentro da favela que fala, uma das

primeiras vozes negras da Literatura Marginal brasileira e por isso pioneira do que será mais tarde, a partir dos anos 90, a Literatura Periférica.

Começa a escrever desde pequena, ainda em Sacramento. Compõe um poema que é lido com espanto pelas pessoas do seu bairro, tanto que alguém profetiza que ela “será uma poetisa”. É uma expressão que Carolina, naquele momento, não compreende e que lhe será clara só mais tarde, quando corre, curiosa e excitada, pelas livrarias da grande metrópole. Na favela, sobrevive como catadora: recolhe tudo o que encontra, papéis, ferros, garrafas, que depois revende o melhor possível e lhe permite comprar comida, para ela e para os seus três filhos. Os pais das crianças já não estão com ela, desapareceram durante a gravidez; só o pai da Vera Eunice, a última filha, ainda lhe dá uma pequena quantia de dinheiro no fim do mês. Vive numa barraca, escaldante no verão e gélida e chuvosa no inverno, mas este fator climático pouco lhe interessa: a sua verdadeira obsessão é o que irá pôr na mesa para os filhos. A sua obsessão é a fome. No diário, Carolina diz que “a fome é a amarela”, uma cor explicada pela filha Vera Eunice, que, numa entrevista, revela o porquê: quando a mãe saía para apanhar papéis, muitas vezes estava em jejum, o que lhe provocava mal-estar e vômitos de cor amarela.

Mas, na infância difícil de Carolina, que com a mãe trabalhava duramente nas fazendas da zona, muitas vezes sem ser paga, acontece um facto extraordinário, que muda radicalmente a sua vida: frequenta dois anos de escola primária e aprende a ler e a escrever. Será a sua salvação, mas também o seu desespero: salvação porque um novo mundo se abre à sua frente, desespero porque no seu ambiente e sobretudo na favela, onde a maioria das pessoas são analfabetas, é vista com desconfiança e detestada por isso. Aliás esta identidade de “aliena”, de “diferente”¹, vai persegui-la durante toda a vida e vai contribuir para o seu isolamento. É demasiado instruída para os favelados, mas não suficientemente culta para o mundo cultural que a rodeia e no qual nunca conseguirá integrar-se. O mesmo lhe acontece de um ponto de vista social: é demasiado revolucionária para a direita, que não gosta das suas duríssimas críticas à classe política brasileira, e demasiado independente para a esquerda, que critica o seu não querer afiliar-se em nenhuma organização.

Falámos da obsessão da fome, que percorre toda a sua obra literária, mas na realidade a verdadeira obsessão de Carolina é a escrita. Ela escreve constantemente, desde que tenha um momento livre, de dia e muitas vezes de noite, quando os filhos já dormem. E se alguém lhe pergunta porque não se casa, responde, com a ironia habitual, que nenhum homem suportaria uma mulher que guarda lápis e cadernos por baixo da almofada.

Carolina é “descoberta” nos finais dos anos cinquenta por um jornalista, Audálio Dantas, durante uma reportagem sobre a favela. Encontra-a por acaso e descobre na barraca um monte de papéis enegrecidos pelo fumo e a humidade. Lê algumas folhas do

¹ Diferente como se sentia também Clarice Lispector, que conhecerá Carolina durante uma apresentação do seu diário. Perante os elogios de Carolina, responde-lhe que é ela a grande escritora, pois é ela que “sabe escrever sobre a realidade”.

diário e fica tão impressionado que lhe promete ajuda para o publicar. Assim, em agosto de 1960, o livro sai com o título *Quarto de Despejo — Diário de Uma Favelada*, pela editora Francisco Alves, de São Paulo. É a favela o quarto de despejo, ou seja, onde se deita o lixo e tudo o que é velho e inútil. São Paulo é a sala de estar, onde vivem os ricos, os patrões.

A apresentação do livro torna-se um acontecimento mundano, com um enorme afluxo de gente, atraída pela operação de marketing feita previamente pela editora, com entrevistas na imprensa e na televisão. Uma foto gigante é também afixada à porta da editora, facto que impressiona muito a escritora quando chega de autocarro com os seus três filhos. A primeira edição, logo esgotada, teve uma tiragem de 10.000 exemplares, e, no primeiro ano, com várias edições, venderam-se mais de 100.000 livros. Em poucos anos, o livro será traduzido para treze línguas e vendido em catorze países. A assinalar, no entanto, que nunca foi publicado em Portugal, proibido pela censura salazarista. Na Itália, Carolina foi descoberta por Alberto Moravia, que leu o diário durante uma sua viagem ao Brasil e que o fez traduzir para italiano. No prefácio, escreve Moravia: “Carolina encontra-se naquela posição de força de que fala Marx quando diz que os proletários não têm nada a perder, se não as suas algemas [...]. As palavras de Carolina têm uma profundidade shakespeariana” (Moravia 1962, 7).

Este estrondoso, embora efêmero, sucesso tem diversas explicações. O diário saiu num Brasil que atravessava uma fase muito especial da sua história. Era um momento de grande efervescência sociopolítica e cultural. Os anos de um acelerado desenvolvimento industrial, sobretudo nas três grandes cidades, São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte. A modernização era muito rápida em todo o país, mas simultaneamente aumentavam as diferenças e as injustiças sociais. Além disso, no campo literário havia uma maior sensibilidade e interesse pelo fator social e por uma forma artística mais empenhada. O outro fator novo, e este certamente negativo, foi o alastrar das favelas, verdadeiros guetos onde vivia confinada a classe mais baixa do Brasil, composta pelos que Gramsci definia como *subalternos*. O conceito de subalterno corresponde a uma das categorias gramscianas que foi mais tarde retomada pelos teóricos dos Estudos Subalternos, nomeadamente por Spivak (1988) e Bhabha (2001). Gramsci escreve:

A história dos grupos subalternos é, necessariamente, desagregada e episódica. É indubitável que, na atividade histórica destes grupos, há a tendência para a unificação, embora provisória, mas esta tendência é continuamente quebrada por iniciativa dos grupos dominantes e, por conseguinte, pode ser demonstrada só em ciclo histórico concluído, se ele se concluir com sucesso. Os grupos subalternos sofrem sempre a iniciativa dos grupos dominantes, mesmo quando se rebelam e se insurgem; só a vitória permanente quebra, e não imediatamente, a subordinação (Gramsci 1975, 2283).

Carolina pertence a estes subalternos, mas a “revolução passiva”, teorizada também por Gramsci, não a atinge. Ao contrário, a sua mente é lúcida e crítica e tem clara

consciência das discriminações raciais e de gênero de que são vítimas os subalternos do Brasil. No seu diário, Carolina escreve: “O Brasil precisa ser dirigido por uma pessoa que já passou fome. A fome também é professora” (de Jesus 2019, 29). E ainda, misturando o seu comovente lirismo com o seco estilo realista, fusão que sempre a caracteriza:

O céu é belo, digno de contemplar porque as nuvens vagueiam e formam paisagens deslumbrantes. As brisas suaves perpassam conduzindo o perfume das flores. (...) A noite surgem as estrelas cintilantes para adornar o céu azul. Há várias coisas belas no mundo que não é possível descrever-se. Só uma coisa nos entristece: os preços, quando vamos fazer compras. Ofuscam todas as belezas que existem (Jesus 2019, 43).

O sucesso do livro permitir-lhe-á sair da favela para ir ocupar um pequeno apartamento no bairro de Santana, uma “casa verdadeira”, feita de tijolos, como sonhava há muito tempo. Mas o bairro é de classe média branca e cedo começam problemas de convivência. Os vizinhos queixam-se da exuberância e da falta de educação dos filhos, habituados à liberdade da favela. Outros criticam-na quando Carolina contrata como empregada uma mulher branca, que aliás trata os meninos com arrogância, como se fossem pequenos selvagens. Começam também os problemas com os média, que já se cansaram dela e que acolhem com grande frieza o seu segundo diário *Casa de Alvenaria — Diário de uma Ex-favelada*, publicado em 1961. O livro não tem nenhum sucesso, também porque a situação política está a mudar e se aproxima o duro período da ditadura. Carolina é igualmente criticada, nos média, por ter tentado mudar o seu visual. Agora veste-se melhor, usa joias, talvez demasiadas, pinta-se e tudo isso é mal recebido, é acusada de querer alterar a sua identidade e imitar a classe alta, à qual nunca irá pertencer.

O fracasso editorial do segundo livro faz ressurgir os problemas económicos. Sem recursos, Carolina vende a casa de Santana e compra um pequeno terreno, em Parelheiros, na periferia de São Paulo. Os filhos, já habituados à cidade, não querem mudar-se para lá, mas finalmente toda a família deixa São Paulo e será em Parelheiros que a escritora viverá até ao fim da vida. Vivem do campo e dos animais que criam. Os filhos estão na escola, mas só Vera Eunice conseguirá formar-se e tornar-se professora. João José, o filho mais velho que morrerá muito cedo, encontra um pequeno trabalho, mas José Carlos, mais rebelde, não quer estudar e não se integra em nenhuma profissão. Em adulto, tornar-se-á um alcoolizado e a sua morte será trágica. Acabará atropelado, embriagado, na Avenida Paulista. Mesmo assim, Carolina amava muito este filho, com quem falava da vida, da literatura, dos sentimentos. Dele, dizia que era o único que a fazia rir.

No campo, Carolina isola-se de tudo e de todos, mas continua a escrever. Escreve um outro diário, *Diário de Bitita*, provérbios, peças de teatro, contos, poemas, um pequeno romance — *Pedaços de Fome* -, letras de canções.

A obra mais interessante e conseguida é, parece-nos, *Diário de Bitita*, que tem uma história editorial curiosa. Quando Carolina já morava em Parelheiros, foi visitada por

duas jornalistas francesas, que, depois de muitas buscas, a descobriram e entrevistaram. Encontram uma mulher alta e magra, calças encarnadas e camisa amarela, um grande lenço na cabeça. Cansada, precocemente envelhecida, recebe-as com grande gentileza. Contam as jornalistas:

A casa por pintar, imersa numa vegetação luxuriante, não tem um ar demasiado triste, mas quando se entra, num dia chuvoso, dentro sente-se frio. Havia quatro cadeiras em volta de uma mesa, uma velha credência encostada à parede (...). E as suas coisas que, para Carolina, são os seus cadernos, os seus livros (a Bíblia, é claro, mas também Kierkegaard, Dostojevski, Miller, alguns dicionários, velhas enciclopédias), fotos, cortes de jornais do seu tempo glorioso e as traduções (contamos doze) do seu *Quarto de Despejo* (Lapouge e Pisa 1977, 166).

Carolina entrega às jornalistas o manuscrito do seu novo livro, que não consegue publicar no Brasil. Elas editam-no em França, traduzido para francês, e só mais tarde, em 1987, chegará a ser publicado no Brasil, vertido novamente para português e com o título *Diário de Bitita*. O original perdeu-se pelo que o leitor lê um texto que já passou por duas traduções, embora isso não diminua o seu interesse e beleza literária. É, na realidade, um livro de memórias, onde a escritora descreve a sua infância em Sacramento, terra de escravos e de bandeirantes, de imensas fazendas e imensa pobreza, de gritantes injustiças sociais, raciais e de género. A mãe dela, Cota, que já tem um filho, fica grávida de Carolina, de outro homem. Tenta abortar bebendo veneno, mas não consegue e é abandonada pelo marido. A menina nasce negra como o carvão, enquanto o irmão é mais claro e isso provoca, dentro da família, as primeiras manifestações de discriminação pela cor da pele. Carolina é uma menina magra e alta, rebelde, curiosíssima, e que tem um herói, o avô Benedito José. Era um ex-escravo vindo de Cabinda, um patriarca muito sábio e respeitado por toda a comunidade, branca e negra, ao ponto de ser chamado o Sócrates africano.

Uma noite, Carolina diz à mãe que queria ser um homem, porque tinha percebido que eram eles que mandavam. A mãe, surpreendida, diz-lhe que se passar por baixo de um arco-íris tornar-se-á um homem. A menina espera toda a noite o milagroso arco-íris, que evidentemente nunca chegará. Chora desiludida, mas continua a fazer perguntas e a ser atormentada por esta ideia. Escreve Carolina:

À noite olhava o céu. Mirava as estrelas e pensava: “Será que as estrelas falam? Será que elas dançam aos sábados? (...) No céu deve ter estrela mulher e estrela homem. Será que as estrelas mulher brigam por causa dos homens?

(...) No mato eu vi um homem cortar uma árvore. Fiquei com inveja e decidi ser homem para ter forças (Jesus 1986, 67).

E ainda, quando descreve a repressão policial, em Sacramento:

A cidade. Aos sábados, os polícias apertavam-se. Eles colocavam um cinturão por cima da túnica. Era a prova da absoluta autoridade. Os pretos ficavam apavorados. As mulheres pretas saíam, iam nas vendas retirar os seus filhos e seus esposos. Como é horroroso suportar uma autoridade imbecil, arbitrária, ignorante, indecente e, pior ainda, analfabeta (Jesus 1986, 85).

A saúde de Carolina vai piorando nos últimos anos, tem problemas de asma e de bronquite. E será com uma crise de asma que morrerá em 1977, aos 63 anos. O filho José Carlos corre por toda a aldeia à procura de um carro para a levar ao hospital, mas quando o encontra já é tarde, Carolina morre durante a viagem. No funeral, não aparece nenhuma autoridade oficial, só um representante da editora Francisco Alves e o jornalista Audálio Dantas, que não via a escritora há dez anos. Entre os dois, as relações tinham-se complicado e é interessante lembrar aqui a razão: Carolina acusava o jornalista de a querer fechar na categoria de “escritora de favela”, quando o seu desejo era ser, simplesmente e de forma mais abrangente, “escritora”.

Polémica que nos remete para uma questão importante quando nos aproximamos do universo caroliniano: a questão da língua. Carolina, como já referimos, nunca foi aceite pela elite intelectual e literária brasileira, durante a sua vida e o mesmo acontece atualmente. É com certeza estudada e considerada nos ambientes universitários, mas seria difícil encontrar as suas obras, por exemplo, numa grande livraria de São Paulo. Há múltiplas razões para isso, como a discriminação racial, de género e sobretudo de classe, mas talvez a principal seja esta: Carolina “escrevia mal”. No seu primeiro diário encontramos muitos erros ortográficos e gramaticais², mas este aspeto não consegue, de forma alguma, alterar a beleza e a força do texto. Que, como insiste a estudiosa Regina Dalcastagné (2013), não é só um testemunho da sociedade brasileira de então, mas que se impõe pelo seu valor literário. Porque é que — pergunta-se a estudiosa — quando um escritor de classe média fala dos problemas sociais da sua classe se diz que cria um texto literário e se, ao contrário, uma escritora pobre fala dos pobres, se diz que a sua obra representa um documento antropológico, sociológico? Este é um preconceito que perseguirá Carolina durante toda a sua carreira de escritora.

Em conclusão, no caso de Carolina e de quase todos os escritores pós-coloniais, devemos considerar que o cânone literário a seguir é outro, diferente, em que, na análise crítica do texto, devem ser tomados em conta não só os elementos puramente textuais, mas também os extratextuais, fundamentais para perceber a obra. Por ser justamente uma literatura híbrida, de fronteira, entrópica, muitas vezes tão forte que nos atinge profundamente. Como acontece com a leitura dos textos de Carolina.

² Questão que me preocupou no momento da minha tradução para italiano de *Quarto de Despejo*, publicada recentemente pela editora Alpes Italia, com o título *La Stanza dei Rifiuti e Altre Opere* (2021). Nesse caso, preferi corrigir os erros gramaticais e ortográficos, deixando o léxico e a sintaxe o mais fiéis possível ao texto original.

Bibliografia

- Bhabha, Homi. 2001. *I luoghi della cultura*. Roma: Meltemi.
- Dalcastagné, Regina. 2013. *Literatura Brasileira Contemporânea*. Rio de Janeiro: Editora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
- Farias, Tom. 2017. *Carolina — Uma Biografia*. Rio de Janeiro: Malé.
- Fernandez, Raffaella. org. 2018. *Carolina Maria de Jesus — Meu Sonho é Escrever*.
- Gramsci, Antonio. 1975. *Quaderni del Carcere*. Torino: Einaudi.
- Jesus, Carolina Maria de. 1989. *Diário de Bitita*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- _____. 2019. *Quarto de Despejo*. São Paulo: Editora Ática.
- _____. 2021. *La Stanza dei Rifiuti e Altre Opere*. Roma: Alpes Italia.
- Lapouge, Maryvonne e Clelia Pisa. 1977. *Brasileiras*. Paris: Des Femmes.
- Neves, Rita Ciotta. 2020. *Carolina Maria de Jesus. Uma Biografia, Nas Margens da Literatura*. Lisboa: Colibri.
- Spivak, Gayatri Chakravorty. 2009. *En d'autres mondes — en d'autres mots*. Paris: Payot.
- _____. 1988. "Can the Subaltern Speak?". In *Marxism and the Interpretation of Culture*, edited by Cary Nelson and Lawrence Grossberg, 271-313. Urbana, IL: University of Illinois Press.

Nota biográfica

Docente, atualmente aposentada, de Semiótica, Literatura e Tradução na Universidade Lusófona. Tradutora e autora de: *Italo Calvino, Lições de Modernidade* (Edições Universitárias Lusófonas 2006); *Gramsci, a Cultura, Os Subalternos e a Educação* (Colibri 2017); *Carolina Maria de Jesus, nas Margens da Literatura* (Colibri 2020).

Morada institucional

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias Campo Grande 376, 1749-024 Lisboa.

Recebido Received: 2021-03-24

Aceite Accepted: 2021-04-20

DOI <https://doi.org/10.34619/zckz-tehd>